



A TORRE DE FRANKENBURG

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 DISTRIBUIDORES

A TORRE DE FRANKENBURG.

Entre a pequena cidade de Stolberg, fundada no seculo xvii por protestantes francezes, e Aix-la-Chapelle, encontra-se uma grande torre coberta de hera: é a Frankenburg, restos venerandos d'um antigo castello de Carlos Magno, reconstruido proximo a 1642. Como todas as ruinas onde existe ainda a lembrança do celebre filho de Pepino, a Frankenburg é frequentada por um phantasma.

Muitas vezes, na sua extremidade, no meio das humidas trevas da noite, vê-se, segundo a fama, desenhar-se vagamente o retrato da rainha Fastrada, uma das esposas do grande imperador christão, o heroe fabuloso das margens do Rheno, que teve tantas mulheres como qualquer dos successores de Mahomet. Carlos Magno repudiara Himiltrude e Desiderade ou Hermengarda, salvo o tornal-as a chamar para junto de si quando fosse da sua vontade; esposara em seguida Hildegarda, que morreu em 784, em Thionville. Quasi immediatamente, para acalmar esse grande desgosto, esposou a filha d'um nobre francez, Fastrada, mulher de vontade energica, violenta, injusta mesmo, a qual succederam Huitgarda, Madelgarda, Gersuinda, Regina, Adelaide, e tantas outras cujos nomes se tem perdido na obscuridade das lendas.

Frankenburg era uma das residencias favoritas de Fastrada, que ahi morreu em 794. Carlos Magno fê-la depositar, embalsamada e enfeitada, n'um ataude de vidro. Todos os dias ia admirar-a; chamava-a, gritava, e chorava. Elle tinha só cincoenta annos; restava-lhe fazer muito para defender o que conquistara, e conquistar o que seus filhos não podiam defender. Era além d'isso preciso que se fizesse coroar imperador do Occidente. Petrarca conta que, para lhe quebrar o encanto, se recorreu a uma astucia singular. O bispo de Colonia fez comprehender a Carlos Magno que só tendo Fastrada sido feiticeira lhe poderia inspirar semelhante amor. Aconselhou-o a que procurasse se o cadaver conservava, por acaso, algum talisman. Carlos Magno procurou, e descobriu sob a lingua de Fastrada um anel! Cheio de horror, afastou-se do cadaver amaldiçoando-o, e levou o anel magico ao bispo, que o lançou em uma lagoa! Mas, oh maravilha! Carlos Magno foi no mesmo instante atrahido, como por força invencivel, para a lagoa. « Nada lhe agradava mais do que aquella lagoa, diz Petrarca. Os seus mais ditosos instantes eram os que passava nas suas beiras; delectava-se em se banhar n'essas aguas e em respirar as exalações, que achava mais suaves que os mais bellos perfumes. »

Nunca chegou a curar-se inteiramente d'esta nova loucura, e a tradição accrescenta que foi isso que o fez tomar em tamanha affeição a cidade d'Aix.

VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1855.)

CAPITULO II.

A febre amarella, o typho, e o cholera morbus. — O mau tempo continua para desespero do viajante. — O theatro de S. João, e a arte dramatica no Porto. — Considerações.

O Porto está divertido! No mez passado houve aqui um ou dois casos de febre amarella. A população, ainda com o susto que lhe inspirou aquella terrivel visita, começa a ser dizimada pelos typhos, que reinam todos os annos na cidade, e que agora, segundo a opinião dos homens competentes, degeneram em cholera morbus asiatica! É agradável viver n'uma terra que pode dispor de tres epidemias differentes para obsequiar os habitantes, e os visitantes! Porém eu sinto em mim as mais decididas tendencias para dispensar tal honraria e vou fazer todas as diligencias possiveis para deixar a invicta. Mas o peor é que o mau tempo continua, que chove de dia e de noite sem cessar, e que se se realizar o dito do vulgo: *em Abril aguas mil*, não poderei partir tão cedo como desejo! . . .

Fui ao theatro de S. João: assisti a uma recita da actual companhia e fiquei desapontado. O theatro é o melhor da cidade; fizeram-se-lhe certos melhoramentos ha pouco, e a sala esta realmente elegante; porém o espectáculo pareceu-me mediocre, e menos que mediocre o desempenho. A excepção de um ou dois actores, o resto não se podem soffrer. Apesar d'isso foram calorosamente applaudidos alguns, e outros soffrivelmente pateados. Houve para com estes ultimos alguma injustiça, notando-se a parcialidade dos pateantes, que procediam em virtude de causas occultas. Esta parcialidade encontra-se a miudo n'uma parte das plateas de todos os theatros, e não são d'ella isemptos nem os paizes mais cultos da Europa. No caso actual foi não só injusta mas cruel a pateada, porque as victimas d'ella eram uns desgraçados que não tinham outro meio de ganhar a vida, e que pouco ou nada avultavam na peça. Em S. Carlos de Lisboa dão-se por vezes d'estas scenas deploraveis, que não significam o juizo do publico reprovando tal ou tal cantora, mas a consequencia de uma intriga de bastidor, desempenhada por meia duzia de creanças; e que não poucas vezes dá em resultado o tirar-se o pão ao cantor que não offerece um jantar, ou a dama que se não prostitue. Assim vae o mundo! . . .

Da arte dramatica no Porto quasi que se pode dizer que não tem representantes. Alguns actores que se distinguiram e ganharam nome com os dramas — ou melodramas? — da escola de mr. de Pixérécourt, não utilisaram os seus talentos em proveito da escola moderna; ou porque a idade lhes não permittisse já prestarem-se a

serviço das novas idéas, ou que os impedisse o orgulho de se mostrarem como discipulos onde sempre se tinham considerado mestres, o certo é que viveram e morreram agarrados ao velho systema de berreiro. Algum que ainda existe segue o mesmo methodo, declamando com voz cavernosa, e fazendo gestos de aterrar o espectador mais temerario. Os que por vezes se apartam de tão desnaturaes principios vão cair na exageração contraria, fallando com uma tal pieguice e affectação que desalinam os nervos. A este respeito lembra-me que achando-me uma occasião com o visconde de Almeida Garrett em um dos theatros de Lisboa, vendo e ouvindo um dos taes piegas, o visconde me puxou por um braço dizendo: « Vamo-nos embora antes que eu faça algum disparate improprio da minha gravidade, porque tenho appetite de ir lá dentro moer aquelle sandeu a bengaladas. » — A idéa de semelhante correccção não passava de um desabafo de mau humer, de que ambos nos rimos depois muitas vezes; porem a verdade é que muitos só assim poderiam emendar-se, e alguns nem assim.

É uma ridicula coisa a declamação exagerada, e a maior parte dos actores que ouvi no theatro de S. João peccam por esse defeito. Eu confesso que sou portuguez sincero, affeiçãoado as coisas da minha terra, mas sem os prejuizos ridiculos de muitos nacionaes que dizem mal de tudo quanto é estrangeiro, só porque é estrangeiro. Amo os progressos do meu paiz, porém conheço que Portugal ainda não está habilitado a medir-se com algumas nações nas sciencias ou nas artes. Eu gosto do theatro portuguez, e do methodo de declamação de alguns actores; mas a maior parte não os posso tolerar. A declamação dos actores francezes (fallo só dos que merecem qualificação de artistas) que teem por vezes representado em Lisboa é superior pela simplicidade, naturalidade, e ligeireza, á que geralmente se usa no proprio theatro normal. Alguns actores portuguezes arrastam a phrase, suspendem-na, enforcam-na, e moem de tal modo o espectador que este a maior parte das vezes impacienta-se, e sabe as palavras antes do actor chegar ao meio d'ellas. Além d'isso, como se não bastasse a monotonia atroz com que declamam, abrilhantam os dialogos com reticencias, e espaços que procuram encher com grandes tregeitos em que tornam os olhos gazeos, e com horriveis contorsões e esgares, sem que os pobres autores possam acudir ás suas peças estropeadas! — O orgulho nacional do maior numero de actores e actrizes nega aos seus collegas estrangeiros todas as qualidades artisticas; é verdade que os nossos são superiores pelo talento e intelligencia a todos os que de França teem vindo visitar-nos, mas é certo tambem que n'estes ha muitas coisas que deviam aproveitar aos de cá, e a principal era o methodo natural de declamar. Fallo sem paixão: poucos actores haverá nos melhores theatros estrangeiros que

rivalisem com alguns, — bem poucos tambem — dos nossos primeiros artistas dramaticos. Porem, geralmente, nos theatros de Portugal declama-se mal. Se insisto mais n'este defeito do que em qualquer outro e porque para mim nenhum existe mais insupportavel. Ainda mais, perdão todos os outros ao actor que d'este foge.

Ora, quando em Lisboa, na presença de um Conservatorio que não faz nem conserva nada, se vêem ainda tantos que guardam os defeitos e mau gosto da escola antiga, pouco admira achal-os tambem no Porto. Aqui não ha Conservatorio, nem theatro normal, nem conselho dramatico; bem sei que todas estas coisas, que nos lá temos em Lisboa, são perfeitamente inuteis, e mesmo ridiculas, visto que nem o Conservatorio tem escolas de declamação, nem o theatro normal serve de norma para coisa alguma, nem o conselho dramatico dá conselhos que prestem; mas é certo que possuímos e pagamos tudo isso, e portanto devemos fingir que colhemos algum resultado de semelhantes instituições, sob pena de passarmos por tolos. No Porto, a arte vive desamparada. Ninguem faz caso do theatro portuguez, se tal se pode chamar ao theatro de S. João, que nos mezes em que não tem companhia italiana sustenta-se de peças francezas quasi sempre mal traduzidas. Os actores não são os culpados d'este estado de miseria e abandono; a culpa tem-na o publico e os escriptores. Aquelle, porque applaude toda a casta de espectaculos; e estes, porque tendo talento para escrever peças nacionaes, deixam o primeiro theatro da segunda cidade do reino abastardar-se com traducções barbaras detestavelmente representadas. É note-se que uns e outros são culpados tambem dos vicios e defeitos com que representam os actores; porque se o primeiro reprovasse os gritos e as palbaçadas, e se os segundas corrigissem severamente os erros de linguagem, e de pronuncia, e se escrevessem peças portuguezas, já os actores não teriam occasião de abusar tão facilmente das suas tendencias. Porém em vez de se unirem e ensaiarem a criação de um peculio de comedias e dramas para o repertorio nacional, os autores do Porto limitam-se a não ir ao theatro, ou, se lá vão, a regressarem para o Guichard (*) muito descontentes do que viram. É pena, havendo entre elles rapazes de verdadeiro talento; poetas lyricos, e poetas dramaticos, que se um dia se resolverem a fazer alguma coisa em favor do theatro estou certo que o deixarão regenerado, mas por ora não querem. Alguma coisa que se tem escripto é trabalho solto, sem fim determinado, sem verdadeiro amor da arte, e por isso não tem tido successo digno de notar-se. A arte e a litteratura dramatica não podem deixar de viver e caminhar de accordo. A acção de uma e nulla sem o auxilio da outra. Não ha actores sem autores, e as obras dramaticas d'estes são postas

(*) Loja de bebidas na Praça Nova.

em relevo por aquelles. Uns e outros se sustentam mutuamente. O actor, por um desaccordo, por um capricho de rivalidade, por ciumes, e por inveja de um papel que lhe não foi dado, pode fazer cair uma peça, ou pelo menos impedir que ella tenha um grande successo; mas o autor também tem na sua mão a criação e distribuição dos seus personagens; e pode com as leis na mão, ou com as escripturas e regulamentos, obrigar tal actor a aceitar um papel insignificante e recusar-lhe o que elle desejar. Sem actores os theatros são inuteis, e sem autores são inuteis os actores. Os interesses são eguaes por conseguinte: é preciso fazer sentir isto bem, porque ha gente que o ignora, ou finge ignorar-o; e do momento em que todos concordem com o principio de que pouco ou nada valem não sendo unidos, todo o trabalho que sair d'essa associação sensata e intelligente será util e proveitoso. No Porto ha poucos autores dramaticos, e poucos actores; mas ha, como já disse, quem seja capaz de escrever depois de exercitado; por isso é provavel que também appareça quem tenha tendencias para representar, se o theatro chegar a um estado de prosperidade que excite o appetite. Para tudo isto só se necessita de uma coisa bem simples, mas que realmente não existe: é a boa intelligencia entre os autores e os actores portuenses. As causas d'essa não convivencia não me interessam nem ao publico; e não me compete tampouco avalial-as; mas desejo sinceramente ver aproveitados em favor da arte nacional alguns vigorosos talentos que ha no Porto, e por isso faço votos porque elles se applicuem a escrever para o theatro. Entre muita coisa passageira, ou má, que elles produzam, hade haver muita coisa boa que fique no repertorio. O publico e os actores se irão formando a pouco e pouco; alguns d'estes poderão aproveitar-se talvez com vantagem, e dentro em tres ou quatro annos haverá aqui um theatro portuguez digno da cidade invicta. — Será isto impossivel?

GOMES DE AMORIM.

OS ULTIMOS ANOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

I

O cardeal D. Jorge da Costa sabendo em Roma da morte de el-rei D. João II, apesar de se haver retirado de Portugal por sua causa, e de ter sido seu inimigo, não pôde deixar de exclamar perante muitos: Agora morreu o melhor rei do mundo, filho do melhor homem do mundo. (*)

A expressão é feliz, e não se afasta da verdade. Affonso V foi o ultimo rei cavalheiro, e o

mundo da idade media expirou com elle: D. João II dá principio, como Luiz XI, não á monarchia absoluta, como depois ella se constituiu nos reinados de D. Manuel e D. João III, com o abatimento das côrtes, a reforma dos foraes, o triumpho definitivo do direito romano, a inquisição, e o estabelecimento dos jesuitas, mas á monarchia administrativa, que poderia e deveria transformar-se no governo mixto dos tempos modernos, se porventura a descoberta da India, a reacção catholica, de que a Peninsula se tornou a sede e o mais poderoso instrumento, não tivessem dirigido o paiz a mui diversos destinos.

Quando D. Affonso V intentou tornar-se rei de Castella, aceitando a herança de Henrique IV, os recursos de Portugal estavam exaustos, e pode afoitamente dizer-se que essa foi a causa principal do mau exito das suas tentativas. Raros documentos financeiros possuímos d'essa epoca, mas ha um, de uma incontestavel authenticidade, que apresenta, em significativos algarismos, o conjunto das despezas feitas n'aquelle reinado, e que prova exuberantemente, não menos a louca liberalidade de D. Affonso V, do que a prospera situação economica do paiz, e como o infante D. Pedro, digno filho de D. João I, soubera, durante a sua regencia, reparar os desastres d'aquella grande peste que devastou Portugal nos cinco annos do governo de el-rei D. Duarte.

Este documento a que Damião de Goes allude na chronica do principe D. João capitulo XXI pagina 97, com o titulo de « Memoria que se achou por morte do prior do Crato D. Vasco de Ataíde de algumas acções de el-rei D. Affonso e de varias mercês que fez » encontrámo-lo n'um manuscrito (*).

«Primeiramente casou a imperatriz D. Leonor sua irmã com o imperador Frederico III em o anno de mil quatrocentos e cincoenta, o qual lhe custou com o dote e com a passagem a Italia, e com os corregimentos de sua casa e pessoa *cento cincoenta mil cruzados* com a qual foi o Marquez de Valença, e o bispo de Coimbra, e o conde de Villa Real com quatrocentos e oitenta em cavalgadas, e seis ou sete do conselho de el-rei nosso senhor, e outros muitos fidalgos todos muito bem côregidos, e levaram em sua passagem duas grossas carracas, duas náos e duas caravellas.

«Casou a princeza D. Joanna sua irmã com el-rei D. Henrique IV de Castella em o anno de mil quatrocentos e cincoenta e cinco, á qual não foi dado dote, sómente foi grandemente corregida de sua pessoa, que custou tudo até ser entregue a el-rei de Castella *trinta mil dobras*, e levou-a a Castella a condessa D. Guiomar que a entregou a el-rei de Castella, e foi com ella o conde de Atouguia, seu filho, e muitos fidalgos e senhores grandes.

(*) Este documento também vem transcripto no Tomo primeiro das Provas da Historia Geneologica da Casa Real, mas com muitos erros e notaveis omissões.

« Em o anno de mil quatrocentos e quarenta e cinco mandou D. Pedro seu primo como irmão a Castella em ajuda de el-rei com dois mil de cavallo, e cinco mil de pé, e gastou *quarenta e cinco mil dobras*.

« Deu em casamento a seu primo D. Pedro rei de Chipre *dez mil dobras*.

« Casou sua prima com irmãa a rainha D. Isabel de Castella filha do infante D. João seu tio com el-rei D. João o II de Castella em o anno de mil quatrocentos e quarenta e seis, á qual deu em dote *cincoenta mil dobras*, e a mandou mui honradamente a Castella, e levaram-na a entregar a el-rei o prior do Crato D. João de Ataide, e o bispo de Coimbra D. Luiz Coutinho, e o bispo de Evora e tres ou quatro do conselho, e outros muitos fidalgos.

« Mandou em ajuda de el-rei D. João de Castella a Salamanca e outra vez a Sevilha grandes homens de seu reino com sua gente e gastou em ambas as vezes *dezeseis mil dobras*.

« Casou o infante D. Fernando seu irmão com a infanta D. Brites sua prima filha do infante D. João seu tio, á qual deu em dote e casamento *sessenta mil florins de ouro* que pagou a rainha D. Isabel pelo montado de campo de Ourique, e Almada, Collares, Bellas, Azeitão, e a Mouraria de Loulé, que tudo pertencia á dita rainha de Castella e o dito senhor lhe mercou tudo e o deu em casamento ao dito seu irmão: e mais lhe deu de mercê o Mestrado de S. Thiago, e o de Christo, e as terras do infante D. Henrique e a ilha da Madeira, e Beja, Serpa, Moura, Salvaterra, e os castellos da Guarda, e de Marão.

« No anno de mil quatrocentos cincoenta e oito foi tomar a villa de Alcacer Seguer com duzentas e oitenta velas e vinte e dois mil homens de desembarque: custou-lhe a dita armada *cento e quinze mil dobras*.

« No anno de mil quatrocentos cincoenta e nove mandou fazer uma couraça em Alcacer á qual foram vinte seis náos e custou-lhe *dez mil dobras*.

« No anno de mil quatrocentos sessenta e dois passou a Ceita com dois mil de cavallo, e gastou vinte e oito mil dobras, e antes d'isso havendo assim novas que el-rei de Fez, tinha cercado Ceita no anno de mil quatrocentos quarenta e seis se fez prestes em dez dias com sessenta velas e não passou de Restello por quanto lhe veio novas que estava descercada.

« Em o anno de mil quatrocentos setenta e um tomou a villa de Arzilla, e a de Tanger a que passou com trezentas e trinta velas e com vinte e tres mil homens e lhe custou *cento trinta e oito mil dobras*.

« Passou em França com dezeseis annos e vinte caravellas e dois mil e duzentos homens; e andou lá com trezentos e sessenta emcavaladuras, e gastou *trinta e oito mil dobras*.

« Fez outras armadas em que foi o condestavel por capitão que lhe custaram *dez mil dobras*.

« Entrou em Castella no anno de mil quatrocentos setenta e cinco com cinco mil homens e seiscentos de cavallo e quatorze mil homens de pé, e gastou em treze mezes *duzentas cincoenta e cinco mil dobras*.

« Achou-se por conta que em outras armadas afora estas nomeadas, assim do soccorro de Alcacer, Ceita, e Arzilla, e outras muitas coisas gastou mais de *setenta mil dobras*.

Depois da lista das mercês, feitas a fidalgos, de titulos, villas, direitos, portagens, judiarias etc. que é consideravel, continua o prior do Crato:

« Alem d'estas coisas fez em estes reinos muitos ricos homens, e outros muitos do seu conselho e lhe poz mais muito grandes tenças, e as maiores que poz rei algum seu antepassado, e a outros muitos fez fidalgos, e lhes deu sommas e muitas prerogativas.

« Creou filhos de mui grandes fidalgos e em muito grande numero e com muito amor e afeição assim em sua mesa como em sua camara mais do que nunca crearam quatro reis d'os dantes delle dos que mais viveram e governaram.

« Deu muitas tenças a muitos fidalgos que seus paes tinham mettido frades, aos quaes lhe punha em tença o que lhe havia de dar em casamento.

« Deu em seu tempo a muitos grandes muitos casamentos assim a homens como a mulheres, tanto que se acha por conta que deu *seiscentas mil coróas*.

« Deu outros infindos casamentos de *mil coróas* para baixo que se não podem contar nem escrever e outras infinitas mercês.

As rendas do estado e o patrimonio pessoal do rei estavam em tal penuria, que D. João II por uma carta que encontramos tambem no mesmo manuscripto, recusou depois á infanta D. Brites, a mercê que esta lhe pedia para seu filho D. Manuel duque de Beja do mestrado de Aviz:

« Isto é o que vós Henrique direis á illustrissima minha madre, que eu ouvi o que de sua parte me fallastes, e que a mim me pareceu bem e honesto seu requerimento, em pero de que quero dar conta a sua illustrissima do ponto em que achei este reino em o meio de meu requerimento para ella saber tudo o que eu posso fazer: que ella saberá que por fallecimenro de el-rei meu padre que muita gloria haja eu herdei... (não pomos a quantia por ser quasi indecifavel) de renda, e mais não, e estes eram apropriados para o comer de sua alteza, e outro assentamento de que pagaram suas moradias nos outros seus moradores que a mim ficam carregados; e mais saberá que para supprimento dos assentamentos deste anno que vem de despêsas que el-rei meu senhor e padre que Deus haja era obrigado a fazer em assentamento de grandes e tenças dos fidalgos deste reino falecem dezoito milhões (estes milhões são de reis) e mais dividas que sua alteza mandou pagar em seu testamento trinta milhões; e pelo que eu tinha em sendo principe

não podia sustentar meu estado sem de um anno para o outro não ficarem muitas dividas como ella bem pode saber e por estas razões assim é forçoso por algum tempo ter em mim estes dois mestrados, e que minha vontade é quando os deixar, de dar ao principe meu filho o mestrado de Santiago e a meu primo D. Manoel o mestrado de Aviz, e que certo antes de me vir seu requerimento eu tinha já deliberado de assim o fazer.»

E nem de outro modo se podia explicar, a não ser por difficuldades financeiras, a viagem de Alfonso V a França, sob as vagas promessas de Luiz XI, que aos numerosos crimes do seu reinado juntou mais o de abusar da ingenua confiança que n'elle depositara um principe, de tão nobres e leaes sentimentos.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

TEMPERATURA DA SIBERIA.

O observatorio meteorologico estabelecido em Nijne-Taguisk, nos montes Ourals, pelo principe Demidoff, publica todos os annos o resultado das observações ali feitas, com tal exactidão que se conhece melhor o clima d'esta parte da Siberia do que o de muitos sitios da Europa. Por nos parecer d'interesse, extrahimos dos mappas do anno de 1854 as passagens mais characteristics da temperatura. Dão perfeita idéa do clima ordinario. Qual será o da zona septentrional d'este grande paiz, se tal é o de um districto que deve ser considerado como pertencente á zona meridional?

Em Janeiro — Temperatura media, 18 graus Reaumur abaixo de zero; a mais baixa, 35 graus Reaumur abaixo de zero, na noite de 14; a mais elevada, 3 graus abaixo de zero. Nevou onze vezes.

Fevereiro. — Temperatura media 10°,5 abaixo de zero; 26 graus abaixo de zero na noite de 15; zero a 24. Nevou vinte e seis vezes; só na noite de 19, caíram quinze pollegadas de neve.

Março — Media, 5°,5 abaixo de zero; 22 graus abaixo de zero na noite de 14; a 18, depois do meio dia, com o ceo sereno, o thermometro elevou-se um instante a 2 graus acima de zero. Nevou treze vezes.

Abril — Media, 0°,8 acima de zero; na noite de 21, o thermometro marcava 15 graus abaixo de zero; a 26, ás tres horas da tarde, marcava 13 graus acima. Na noite de 16 choveu pela primeira vez no anno. Nevou dezoito vezes, e choveu seis.

Mai — A temperatura mais elevada foi de 20 graus acima de zero; a media foi de 9°,60; a mais baixa foi de quatro graus abaixo de zero, na noite de 26. Nevou uma vez, e geou nove; a 9, desapareceu inteiramente o gelo.

Junho — A temperatura mais elevada foi de 22 graus; a media de 12°,5. O thermometro

desceu ainda a zero na noite de 25. A 15, 16 e 24 nebrina; cinco vezes temporaes, e vinte e sete vezes chuvas.

Julho — Temperatura mais alta, 26 graus; a mais baixa, 4 graus; media, 17. Cinco temporaes, e vinte vezes chuva.

Agosto — Temperatura mais elevada, 22 graus; a mais baixa, 1 grau; media, 13 graus. Tres tempestades; choveu vinte e sete vezes.

Setembro — Temperatura mais elevada, 20 graus; a mais baixa, 1°,3 abaixo de zero; media, 10 graus. Nebrina a 24 e a 27; oito manhãs de cerração; trinta e uma vezes chuva.

Outubro — Temperatura mais elevada, 10 graus acima de zero, no dia 1; a mais baixa, 6 graus abaixo de zero, na noite de 30; media, 4 graus. Choveu quinze vezes; nevou seis vezes.

Novembro — Temperatura media, 3°,5 abaixo de zero; a mais baixa, 21 graus abaixo de zero. Choveu tres vezes, e nevou quatorze. A 17 o lago estava inteiramente coberto de gelo.

Dezembro — Temperatura media, 6 graus abaixo de zero; temperatura mais baixa, 21 graus abaixo de zero; a mais alta, um grau acima de zero, a 3. Choveu tres vezes, e nevou dezoito.

Em resumo, quatro mezes de calor, entre Maio que contou ainda nove dias de gelo, e Outubro que teve oito; e dois mezes só, Julho e Agosto, sem gelo.

TINTAS SYMPATHICAS.

Conhecem-se pelo nome de *tintas sympathicas*, ou *secretas*, os liquidos que servem para escrever no papel, deixando invisiveis os caracteres quando seccam, mas que recuperam a côr ou aquecendo simplesmente o papel, ou applicando á escripta invisivel qualquer agente chymico. Estes phenomenos chamaram a attenção dos alchimistas, que deram a essas tintas o nome porque hoje são conhecidas.

Escrevendo-se com as tintas, cuja preparação vamos relatar, torna-se a escriptura ao principio invisivel; mas aproximando-se o papel do fogo, os caracteres tomam promptamente uma bella côr verde, ou azul, ou variadas gradações de côres que desapparecem apenas o papel arrefece. Para fazer esta escripta visivel deve haver cuidado em expol-a a um grau de calor conveniente, porque se acaso se aquecer muito pode-se incendiar.

Preparação da tinta sympathica verde — Depois de se deitar n'um vaso uma porção de colbato e quatro partes de hydrochloronitrico, ou agua regal, digere-se a mistura a calor brando, até o acido não dissolver mais; junta-se-lhe depois o hydrochlorato de soda em quantidade igual á do colbato, e quatro vezes tanta agua com o acido; depois filtra-se.

Côres variadas de tintas sympathicas — O chlo-

ruro de potassa, que é rubro, mesmo quando está secco, modifica-se, e torna-se azul quando se aquece ligeiramente.

O chloruro de nikel, que é um liquido de cor esverdeada, fraco quando está em dissolução na agua, torna-se amarello quando se aquece o papel em que se escreveu; desapparece pelo resfriamento, e reaparece aquecendo-se novamente.

Com estes dois chloruros podem produzir-se tres côres: o azul com o cobalto puro; o amarello com o cobalto de nikel; e o verde misturando ambos.

Podem variar-se e augmentar o numero das gradações d'estas côres fazendo intervir outros chloruros, e até outros saes.

Por este processo podem fazer-se desenhos cujo aspecto muda sob a influencia do calor: por exemplo, uma paisagem que represente uma vista de inverno pode representar outra de primavera, se a aquecerem depois de se lhe desenharem folhas e hervas com uma mistura de chloruro de cobalto e de nikel; as madeiras e as flores encarnadas, com o nitrato de cobalto; as flores amarellas e os fructos com chloruro de cobre; as flores azues e algumas partes do ceo com o chloruro de cobalto.

Para resolver um problema importante, fez o doutor Quesneville investigações sobre a composição dos liquidos que servem para traçar caracteres; e agora falta-se d'uma tinta mysteriosa que elle descobriu e chamou *tinta de correspondencia de senhoras*.

Os caracteres escriptos com esta tinta desapparecem per si mesmos ao cabo de certo tempo, anno, seis mezes, ou ainda mais cedo, se convenientemente se mistura a tinta com agua.

Para se saber em que tempo a escriptura de uma carta pode ter desapparecido, bastará traçar na mesma qualidade de papel e com a mesma tinta alguns caracteres, que se guardarão. Quando estes tiverem desapparecido, terá acontecido o mesmo á carta enviada.

Este liquido tem suas vantagens, mas tem igualmente grandes inconvenientes se acaso se empregar em documentos, papeis de commercio, obrigações, contractos, etc.

Concluiremos este artigo com a seguinte carta que mr. Jobard, sabio director do museu industrial de Paris, enviou á redacção do jornal *La Science pour tous* relativamente a esta tinta, e seus effeitos:

«O doutor Quesneville pretende ter inventado uma tinta de *correspondencia de senhoras*, cujos caracteres não duram mais tempo do que os sentimentos que expressam; porém este invento é já antigo, e se intitula na America *tinta de quatro ladrões*, e que dura tanto quanto a probidade dos malandros. Posso dizer alguma coisa a este respeito, porque já fui uma das suas victimas, haverá quinze annos. Vou contar o caso, que poderá servir de lição a outros, porque o autor d'elle exerce hoje na capital da França o mester de

fazedor de negocios de toda a especie, o que o leva a circumstancia de assignar immensidade de contractos.

«Chegado eu da America a Bruxellas para me curar de certo mal da bocca, tive occasião de fazer com elle um contracto particular, em resultado do qual devia embolsar-me ao cabo de um anno de seis mil francos que lhe emprestara.

«Feitas duas obrigações, assignei com a tinta que tinha no meu escriptorio; e no entanto elle desenrolhava um frasquinho, e já havia molhado a penna, quando lhe passei as obrigações. «A minha penna de ave, que recusou dizendo-me: «Não posso escrever senão com penna de aço, e uma tinta que as não altera, e por isso a trazo sempre comigo. Ora veja que bello negro que tem!» Assim era.

«Trocámos os nossos contractos devidamente assignados; e guardei o meu, no qual não pensei mais até ao cabo do anno em que me procurou, não para pagar, mas para pedir outra somma de quinze mil francos, que lhe recusei. — Então já não tendes confiança em mim? perguntou elle. — Veremos, quando me pagardes os seis mil francos que deveis; repliquei eu. — É uma injuria que vale mais do que essa insignificante quantia, que contudo não reclamarei. Estamos quites; tenho a honra de vos saudar. — Veremos se estamos quites, gritei, quando elle saia.

«Mandei-o intimar, e levei a minha duplicata do contracto ao advogado Barbanson, que naturalmente perdeu o meu processo, porque no traslado só estava a minha assignatura, e por isso se julgou que nunca o contracto passara de projecto.

«Fiz quanto possivel para fazer reviver os vestigios da assignatura do ladrão. Qual historia! nenhum reactivo teve força para tal.

LAPIS.

Do relatorio sobre as artes chymicas na exposição universal de 1855, extrahimos a seguinte noticia, mui curiosa para os nossos industriaes.

A fabricacão dos lapis era antigamente uma industria inteiramente mechanica, e quasi estranha á chymica. Antes da revolução franceza, a Inglaterra tinha o monopolio d'esta industria, alimentado e sustentado pelo precioso deposito da graphite natural de Cumberland, a mais fina de quantas se conhecem. O bloqueio continental privou repentinamente a França dos lapis inglezes, e o governo da republica appellou para a industria nacional, afim de excitar a invenção de algum producto artificial, que supprisse aquella falta. Foi então que Conté inventou os seus lapis artificiaes, que successivamente se aperfeçoaram, concorrendo poderosamente para este aperfeçoamento os conselhos e indicações de mr. Thenard.

Os inglezes fabricavam os lapis cortando simplesmente o mineral da fina graphite em longos parallelepipedos, que se encaixavam depois nos cylindros de madeira, como ainda hoje se faz. A bondade do producto dependia pois do bom mineral que elles só possuíam. Os lapis artificiaes obteem-se hoje em França, na Prússia, e em toda a parte, misturando com a argila pura o pó de qualquer graphite ou materia corante mineral, conforme a côr que se deseja obter, reduzindo a mistura a pasta finissima, calcinando-a fortemente para lhe dar consistencia; pulverisando novamente o producto e humedecendo-o com agua sufficiente para o reduzir novamente a pasta, que se molda em prismas ou em cylindros, os quaes depois de seccos são novamente calcinados, e depois collocados nos entalhes dos cylindros de pau, onde se fixam por meio de colla.

Tambem se podem utilizar as plumbaginas e graphites grosseiras, como as de Ceylão. Eis o meio, ou processo imaginado por mr. Brodie para este fim:

Toma-se o pó grosseiro de qualquer graphite, mistura-se com um quarto do seu peso de chlorato de potassa; dilue-se depois toda a mistura n'uma quantidade de acido sulphurico egual ao dobro do peso da graphite, e aquêce-se a banho-maria até que os vapores do acido hypochloroso cessem de involver-se. Lava-se então a massa com agua, deixa-se seccar, e calcina-se em cadinho à temperatura rubra; manifesta-se então um phenomeno singular: a graphite augmenta consideravelmente de volume, entumece a ponto de sair para fora do cadinho, desagrega-se e fica reduzida a pó impalpavel. N'este estado pode comprimir-se facilmente no vacuo, e formar as pedras artificiaes de graphite para serem submettidas ao processo mechanicamente indicado.

A UNS ANNOS.

Na autora da vida que faz mais um anno?
E mais um adorno que a torna louçã;
E mais uma pagina alegre volvida
D'um livro esmaltado de rosea manhã!

Mais dotes e encantos os annos retratam
N'um rosto formoso, gentil como o teu:
Na aurora da vida taes annos são flores,
A quem p'ra rainha das flores nasceu!

Alarga-se a vida, que a vida só foge,
Se vemos que a esp'rança começa a fugir;
E a esp'rança em taes annos formosa rebenta,
E o verde que a esmalta bem mostra o porvir.

Em ti que enfeitiças, em ti, virgem bella,
Um anno que importa? Se o tempo voador,
Com galas e risos desfaz magoas negras,
Te entorna nas faces das rosas a côr!

Na vida, que vives, o goso se encerra,
Solettra-se alegre dos olhos na côr,
Que nunca teus olhos choraram, ó virgem,
Nem prantos d'ausencia, nem prantos d'amor.

As folhas mimosas, que lès em teu livro,
Donzella, nem todos as podem haver;
A historia, que encerram, não são para o pranto,
Nem podem os risos em dôr converter!

Um anjo no rosto, mais anjo inda n'alma,
Ao mundo baixaste fadada por Deus!
Sorri-te a existencia passada entre sonhos,
E os sonhos não mentem aos anjos dos ceos!

Que vivas alegre, donzella, e que encontres,
Doirando-te a vida, de teus paes o ardor,
Que sempre, com elles, a festa d'agora,
A sombra tu vejas surgir d'esse amor.

Julho, 20, 1856.

A MARIPOSA.

(VERSÃO DO HESPAÑHOL).

Dizem que tu, mariposa,
Symbolisas a inconstancia
Pois vôas de rosa em rosa,
Sem aspirar, desdenhosa,
Da flor a suave fragrancia;

E não sabem que te entregam,
As azas ao movimento,
Pois são flores que despregam
Da côr o lindo ornamento,
Mas o seu perfume negam.

Porque te hasde qu'rer ficar
Na flor se julgas a offendes?
Fazes bem em não poisar;
Vae n'outros jardins voar
Em busca do que pretendes.

Porque, emfim, se qualquer flor
Lindo o seio te mostrara
Ao teu beijo seductor,
Nos laços do seu amor
Com certeza te enlaçara.

Tu não és tal inconstante,
Por girares assim tanto,
Até sabes ser constante;
Só não achas n'um instante,
O que mais faz teu encanto.

E dás a prova na lida
Com que n'um impulso louco,
Para qualquer chamma attrahida,
Tu te chegas, pouco a pouco,
Té ficares consumida.

1856.